

Histórias e mudanças do Largo

Reprodução



Muitos motoristas de táxi coçariam a cabeça para responder onde fica a Praça Visconde de Indaiatuba. Pois bem, ela está ali, na cara de todo mundo, no centro. É o Largo do Rosário, que não só mudou de nome como também de cara muitas vezes. O Largo também foi e é ponto de manifestações e conversa fiada.

DIA-A-DIA

Peça infantil no fim do Agit

O espetáculo infantil "No Mundo Encantado da Alegria", dirigido por Donizete Romon, está fazendo hoje a sua despedida da campanha "Agit no Teatro", promovida pela Agit - Associação dos grupos independentes de teatro de Campinas. Na verdade, são dois shows fundidos em um só: o do palhaço Peteca e o do Chuvisco, que Donizete vem apresentando há algum tempo em festinhas para crianças. Para o criador, o espetáculo, assim constituído, ficou ainda mais alegre e dinâmico, com elementos que agradam em cheio ao gosto infantil: conta com música, brincadeira, fantoches, karaokê e situações de humor. "No Mundo Encantado da Alegria" está no Teatro Castro Mendes e tem duas sessões hoje: às 10h30 e às 17 horas.



Sylvester Stallone não faz o papel de homem mau na vida real, preferindo shows beneficentes

Homem duro faz caridade

Sylvester Stallone parece ser muito diferente dos papéis que representa em seus filmes. No lugar da violência, preferiu participar de um show beneficente em Nova Iorque. Ele se apresentou no El Felt Forum para dar mais brilho ao show de Sam Kinison, outro ator que faz papel de "homem mau", em homenagem ao ator de cinema Lenny Bruce.

Foram arrecadados 100 mil dólares para Sally Marr, mãe de Bruce, que tem 82 anos e problemas de saúde e financeiros. Kinison descreveu Sally Marr, que vive em Los Angeles e não assistiu ao show, como a "mulher que deu vida ao homem que mudou a comédia norte-americana".

Encontro de carros e motos

Duas bandas de rock se apresentando - Tarcila e Código 13 - cantores, rampa de skate para as feras da prancha mostrarem as habilidades, bateria da escola de samba Renascença (Campeã do Carnaval campineiro), artistas e uma infinida-

bretas. Tudo isso vai acontecer hoje, a partir das 13 horas, na avenida Aquidabã. É o Primeiro Encontro de Carros e Motos", promovido pela Rádio Antena-1, que pretende reunir a moçada na avenida para um domingo quente.

Inscrições para salão

Entre 19 de março e 16 de abril, a cidade de São José do Rio Preto estará realizando o seu VIII Salão de Arte Contemporânea. Os artistas campineiros interessados em enviar obras para a participação nesta mostra poderão obter maiores informações na Delegacia Regional de Cultura, na rua General Osório, 490, ou pelo telefone 2-2041. As inscrições para a exposição já estão abertas.

"Pintura Sempre" no Masp

Num passeio por São Paulo, o visitante terá chance de ver no Masp - Museu de Arte de São Paulo - a mostra "Pintura Sempre", que reúne 68 telas do pintor mineiro Carlos Bracher. Bracher, de 59 anos, é natural de Juiz de Fora, mas está radicado há algum tempo em Ouro Preto. É um respeitado paisagista. A exposição contém obras que, em

sua maioria, foram criadas a partir de 1980. Nela não faltam, contudo, trabalhos dos anos 60, que permitem ao espectador uma ampla visão da capacidade de expressão do artista. E isto poderá ser feito até o dia 26 deste mês, de terça a sexta-feira, das 13 às 17 horas, sábado e domingo o funcionamento vai das 14 às 18 horas.

JAMIL ABRAHÃO**Carnaval "Pompa em Azul" da Hípica**

A diretoria da Sociedade Hípica de Campinas, presidida pelo dr. Hamil de Oliveira, tendo como diretores sociais o sr. e sra. Marco (Sônia Pavlu) Danna, inaugurando auspiciosamente sua gestão, promoveu animada temporada carnavalesca que culminou com a realização de quatro bailes e duas vesperais infantis. Elogiadíssima a decoração de Jucam denominada Pompa em Azul, excelente a atuação da Banda Saint Paul, e no mais, só restou



FOLHETIM

Acontece nas segundas

ZÉZA AMARAL

Naquela noite não fazia frio, não era dia de amor e nem sequer chovia. Mas mesmo assim ele apareceu no apartamento. Quando a porta se abriu ele continuou a olhá-la como se ainda permanecesse fechada. Do outro lado de seu olhar uma mulher espantou um arrepio da espinha, num incontável estremeção, e querendo engolir um coração preso na garganta.

Há mais de vinte anos se conheciam. Ela aparentando uns cinquenta e cinco anos, seis talvez a mais do que realmente possuía. Ele, quarenta e um, bem vividos como dizia sempre aos colegas da repartição.

Ambos possuíam beleza, sonhos e desejos comuns. Terça, quarta, quinta e sexta ficavam vendo televisão até o término dos programas. No sábado, saíam para ver os amigos e era dia de fazer amor. Com ou sem vontade. No domingo, almoçavam no restaurante de sempre e, logo após o Fantástico, ele se despedia e voltava para a sua casa. Não se viam às segundas-feiras.

Costumava levar serviço acumulado para casa e, no apartamento ela ficava tricotando a sua solidão.

A rotina só era quebrada quando a temperatura baixava. Daí, então, dormiam juntos o que, para ela, era uma ingênua alegria, pois lhe dava a sensação de estar casada. Com o tempo, ela adquiriu o hábito de ler todos os boletins meteorológicos e telefonar todas as manhãs para a Telesp. Foram doidos meses. Sua frase predileta

pressentimento ao vê-lo parado em cima do capacho.

Ao receber um rápido beijo no rosto, as entranhas se queimaram. Foi para a cozinha esquentar um café, esquecida que ele detestava café requentado. Ao vê-lo beber o café sem prazer e sem reclamar, lembrou-se do fato e de novo um arrepio caminhou por entre as rugas do seu rosto.

No apartamento, apenas o som da televisão e os ruídos habituais de um prédio, uma criança chorando, uma porta que bate, uma freada brusca, alguém chamando alguém...

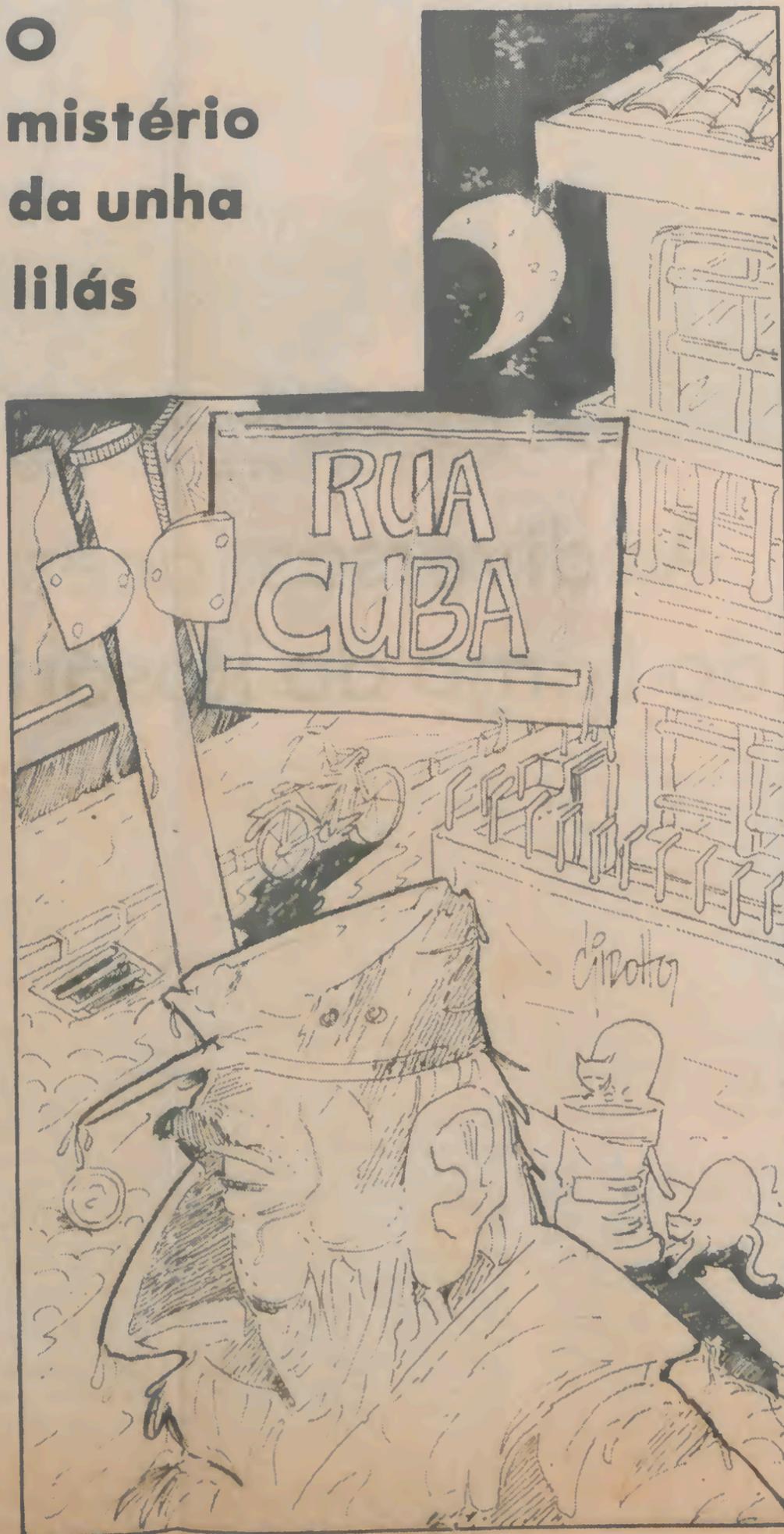
Sem tirar a gravata encostou-se no sofá e agarrou o teto com os olhos. Ela, com a boca entupida de perguntas que jamais seriam feitas, notou as meias novas, o vinco diferente da camisa. No ar, uma nova colônia. Vez ou outra ele cravava os olhos nos seus, que ela tentava desviar assim como alguém tenta tirar uma teia de aranha do rosto.

Hora e meia depois, quando levantou-se para ir embora, ela ainda esperou uma palavra. Qualquer palavra. Não houve palavra, nem beijo e nem abraço. Simplesmente ele abriu a porta, virou-se apoiando as mãos no batente, olhou-a profundamente, baixou a cabeça e desceu rapidamente pelas escadas.

Naquela mesma noite morna, quando ouviu três toques curtos na campainha, uma jovem mulher correu para atender entre alegre e preocupada. Está tudo acabado — foi a resposta, acompanhada

TRACOS DA VIDA

O mistério da unha lilás



CACALO FERNANDES

ção a mensagem contida na troca de olhares dos dois como no momento em que se descobriu a escada. Aí o chefe falou: "Chama a família toda aqui no quarto". E sentou-se na beiradinha da cama, tomando cuidado para não mexer em nada no quarto, muito menos no pé da mulher morta que se esparramava perto de onde se sentara.

De repente, ao olhar para o pé da mulher, que tinha as unhas pintadas com esmalte lilás e o dedinho alongado um pouco demais (intrigante), percebeu no canto da sala, enterrado no carpete, um charuto. Foi rapidamente para o local, apanhou o charuto, colocou no bolso do paletó marrom e sentou-se novamente no mesmo lugar. E sempre de olho no dedinho alongado com esmalte lilás da mulher morta. Encaifou-se. Mas resolveu deixar para depois o dedinho alongado e aguardar com aparente tranquilidade a família e os criados.

Eles foram entrando em fila indiana e perfilando-se de costas para uma das paredes do quarto, conforme orientação do vesguinho. Estavam ali uma copeira, de uns 30 anos, dez de casa; uma cozinheira, mais ou menos 50, recém-contratada; um jardineiro manco, uns 60 anos, que calçava um tênis vermelho importado (suspeito); uma tia velha do homem morto (ah! sim, ele estava caído com as pernas desalinhasadas sobre o carpete e olhos escancarados); e, agora sem detalhes, o pai da mulher e três filhos do casal.

O investigador-chefe olhou com atenção todos os presentes, fitou um deles, tirou o charuto do bolso e afirmou com convicção: "Eu reconheço um fumante de charuto de longe. E você cometeu um grave erro ao deixar este toco enterrado no carpete. Vamos logo, confesse".

"Mas eu nem fumo, chefe", respondeu o vesguinho, atrapalhado. O investigador-chefe disfarçou a mancada e voltou-se para os demais perfilados. Aquele dedinho lilás alongado tinha tirado sua concentração. Aí resolveu ser rápido com as perguntas, porque tinha mais o que fazer.

A tia velha do homem morto deu todas as informações de que ele precisava. Quem fumava charuto era o homem morto. Os dois mortos eram atores de teatro e estavam encenando um texto político-pornográfico cuja segunda parte do título é impúblicável. A primeira é "Ratos e Urubus"... A peça ironizava os modelos políticos da América Central.

O investigador-chefe nem quis mais saber da escada que estava sob a fachada, nem do dedinho alongado, nem do tênis vermelho do jardineiro manco e

Como começar a desvendar o mistério teria reagido com mais furor e o

Reprodução



Largo do Rosário na década de 20, com uma vasta vegetação



O Largo, tendo ao fundo a Igreja do Rosário, demolida nos anos 50



Largo do Rosário hoje, com as marquises e sem a igreja ao fundo

PAULO MARTINELLI

As diversas faces do Largo do Rosário

Em Campinas existe uma praça chamada Visconde de Indaiatuba. Onde fica? Pouca gente deve saber — muitos motoristas de táxi coçariam a cabeça antes de responder — mas ela está ali, na cara de todo mundo, no Centro. É o Largo do Rosário, local que como certas pessoas, é mais conhecido pelo apelido do que pelo nome verdadeiro, lugar ideal para merecer lugares-comuns tipo “coração palpitante da cidade”, “tradicional ponto de encontro da população” etc. Também é um lugar que mudou as feições várias vezes ao longo de seus 172 anos, gerando polêmicas e mais polêmicas. E também é a “Praça da Babilônia”, na opinião de um velho e assíduo freqüentador.

É mais fácil se dizer o que não acontece no Largo do Rosário, do que o que acontece. Numa rápida revirada nos baús da memória, qualquer cidadão campineiro lembraria: comícios e concentrações populares por eleições diretas para presidente (1984); “Feiras do Verde” e pelo menos uma dezena de outros tipos de feiras; clímax e ponto de partida de passeatas de toda a sorte de categorias (um poeta doido diria: “Rosário, ó Rosário, de quantos megafones não ouvistes sair as vozes lamuriosas de trabalhadores arrochados”); bailes carnavalescos; shows; venda de ingressos para shows e peças, comemorações de títulos futebolísticos conquistados, explosão de botijão de gás em bar adjacente (1983) etc.

Vocação
Num passado distante, “o

coração palpitante da cidade”, já era palco de acontecimentos interessantes ou banais. Por exemplo: em 1846, quatro anos depois de Campinas se elevar à categoria de cidade (fato que, na certa deve ter enchido de nós e palavrório as gargantas dos ufanistas de antanho, gente que teceu frases do tipo “próspera e pujante urbe que enche de orgulho seus filhos”), no Rosário foi armado um grande circo para a realização de uma cavalhada em homenagem a um “mui” ilustre visitante. Nada mais nada menos que D. Pedro II, em sua primeira visita a Campinas.

Em 1854, a vocação do Largo para receber feiras populares já se evidenciava. A Câmara decretou neste ano que o “Pátio do Rosário” abrigaria feiras-livres, visando ao barateamento dos gêneros alimentícios, combatendo os famigerados atravessadores (um velho problema), já que a venda seria direta, de produtor a consumidor. E em 1885, consta que o Rosário sediou uma “Grande Exposição Regional de Máquinas Agrícolas e Industriais”.

História e polêmica

A praça deve sua existência à expansão natural de Campinas

no começo do século passado e à construção de uma igreja, consagrada a Nossa Senhora do Rosário (o que explica o “apelido” o nome popular do local) em 1817. De acordo com o historiador Celso Maria de Mello Pupo, a obra se iniciou graças às esmolas dadas por escravos. Um ano antes, o Largo (“Pátio”) havia sido palco de cerimônias de “luto e nojamento”, como se dizia naqueles tempos, pela morte da rainha dona Maria I, de Portugal, avó de D. Pedro I.

Até 1873, quando só havia um chafariz de ferro no local (que hoje se encontra no Largo do Pará) o Largo não passava de uma área de terra nua. Por volta de 1894, o Largo do Rosário começou a ganhar os ares de uma verdadeira praça, com um quadrilátero traçado pelas ruas Barão de Jaguara, General Osório e Campos Salles e o plantio de árvores da flora local. Em fins do século passado o local se constituía de ponto de encontros, sociais, eventos culturais, ponto de tálburis e tudo aquilo que dava as cores às praças antigas. Celso de Mello Pupo chegou a conhecer o Rosário na primeira década do século XX, “com vegetação já adulta, formando bela floresta com seus caminhos internos calçados”.

Sem que se saiba o motivo, em 1933 o então prefeito Alberto de Cerqueira Lima ordenou que na calada da noite fosse promovida a destruição completa do arvoredo. A atitude de Cerqueira Lima gerou protestos da população e da Associação dos Engenheiros e Arquitetos de Campinas, que chegou a elaborar um manifesto de repúdio.

“Parece que Campinas tem a maldição de destruir suas obras de arte”, diz o historiador Pupo. Em 1956, um plano de urbanismo, prevendo alargamento de ruas e avenidas, pôs abaixo a Igreja do Rosário, apesar de protestos, a toda a sorte de apelos da população e acirrada polêmica via imprensa. Pouco mais tarde, um outro projeto provocou a retirada do monumento a Campos Salles, além de pés de alecrins que ladeavam o Largo, dando ao local feições próximas às atuais.

Mais recentemente houve a implantação do “calçadão” nos lados da avenida Campos Salles e a elaboração de outros projetos que não aconteceram — como a construção de pombal e espelho d’água — mas que geraram muita polêmica entre Prefeitura e entidades preservacionistas.

Gente que passa, gente que vê passar e pombas

Toda a praça que é praça tem gente que passa, gente que vê passar, aposentados e pombas. A última categoria de seres dá um colorido especial ao local, entenece ainda que vez ou outra bombardeie o paletó de alguém e provoque uma cascata de impropérios. A penúltima categoria se compõe de gente que a idade obriga a ser observadora. A esta pertence o “Velho Mário”, filósofo dos bancos públicos.

Como filósofo, Velho Mário sabe que é difícil julgar as pessoas pela aparência, dizer quem no largo dá veneno ou mel. E sua resposta para este fato são versos: “Se pudesse ver através da máscara da face, quanta gente que sorrindo agora, tanta piedade nos causasse”.

Ex-radialista e crítico de cinema (cita de cor elencos e diretores dos clássicos), Velho Mário - que assim prefere ser identificado - veio de São Paulo para Campinas há três anos, logo se tornando freqüentador diário do Largo do Rosário. Sobre o local tem a seguinte opinião:

“Não é uma Praça da Alegria; é uma Praça da Babilônia, cidade citada na Bíblia como antro de imoralidades, orgia e confusão. Passam moças novas agarrando rapazes, alas de contentes e descontentes. É uma espécie de colmeia, com abelhas venenosas, melíferas e comuns. É ainda a área de lazer de



Élcio Alves

Mário, filósofo do Largo